



Há mais de 6500 mulheres mutiladas em Portugal

EXCISÃO Mais de 6500 mulheres com mais de 15 anos residentes em Portugal foram submetidas a alguma forma de mutilação genital feminina (MGF). A inesperada constatação está no primeiro estudo feito sobre a prevalência do fenómeno no país, divulgado a propósito do Dia Internacional de Tolerância Zero à Mutilação Genital Feminina, que se assinala hoje.

Das 6576 mulheres assinaladas, a maioria (5974) pertence à comunidade imigrante da Guiné-Bissau, a que tem maior representação em território nacional, disse à agência Lusa Dalila Cerejo, uma das coordenadoras do estudo. Seguem-se a Guiné-Conacri (163), o Senegal (111)

e o Egito (55), comunidades de países praticantes de MGF mais representadas em Portugal, revela o trabalho, que arrancou em março de 2014 e se prolongou por um ano.

No grupo etário dos zero aos 14 anos, o trabalho encontrou 1830 meninas, nascidas em países praticantes ou filhas de mães de países praticantes, que já foram ou serão submetidas à prática de MGF. Isto apesar de a maior parte dos inquiridos considerar a prática da MGF negativa, afirmando não pretender submeter as filhas ao processo, que normalmente e na maioria dos casos acontece nos países de origem.

Também a investigadora Alice Frade defende um maior investi-

mento na prevenção da prática da mutilação genital feminina, sobretudo na área da educação junto das comunidades imigrantes, em relação estreita com o empoderamento das mulheres de países praticantes.

200 milhões no Mundo

No Mundo, pelo menos 200 milhões de raparigas e mulheres foram vítimas de mutilação genital feminina em 30 países, revela um relatório estatístico da Unicef, na "maior compilação" atualizada sobre aquela prática. O mesmo estudo adiante ainda que metade das mulheres que foram excisadas vivem em três países: Egito, Etiópia e Indonésia. Numa declaração con-



200 milhões de mulheres terão sido alvo de excisões pelo Mundo fora

Egito, Etiópia e Indonésia são os piores países

junta da Unicef e do Fundo das Nações Unidas para a População é assinalado que, "independentemente da modalidade praticada", a mutilação genital feminina é, não só, mas também, "uma violação dos direitos das crianças". ●